

Um disparador da reflexão teórico-metodológica

EQUIPE EDUCAÇÃO E COMUNIDADE*



Viver é, de alguma maneira, buscar um lugar. É circular por um espaço e tratar de encontrar rincões, pontos no espaço. Nesse sentido o tema habitar é tema da cidade. Muito mais além, habitar é sinônimo de produzir a vida. Assim, enfrentar o tema da cidade é enfrentar o tema da vida.

MIGUEL LABORDE

Em 2004, a Fundação Itaú Social e o Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária – Cenpec iniciam o Programa Jovens Urbanos, destinado a jovens na faixa etária de 16 a 21 anos, residentes em regiões metropolitanas¹. Nasceu como iniciativa do Itaú Social, em forte articulação com agências governamentais, nos âmbitos municipal e estadual, com centros tecnológicos e ONGs que atuam com jovens.

Tal programa permitiu pensar, formular e implementar uma matriz socioeducativa e cultural para a juventude.

A formação dos jovens no escopo do Programa tem como cenários **a Cidade, a Cultura e a Tecnologia**, privilegiando a interferência desses aspectos na vida cotidiana dos jovens participantes do Programa.

Nessa perspectiva, a formação fomenta a inserção dos jovens em espaços e fatos urbanos desconhecidos, propiciando a ampliação de repertórios culturais, o usufruto de direitos e acesso a saberes e culturas em movimento nos cenários urbanos, não só do mundo do trabalho.

Ao partilharem o espaço da cidade com outros, ao visitarem edifícios, investigarem o funcionamento de empresas e instituições, ao circularem pela complexa geografia

* EQUIPE EDUCAÇÃO E COMUNIDADE realiza projetos e ações de fortalecimento das capacidades de organizações e sujeitos envolvidos com ações sócio educativas com crianças, adolescentes e jovens.

urbana, ao reconhecerem as linguagens dos museus, dos teatros, dos cinemas, das ruas... as juventudes são interpeladas pelas potências, diferenças, problemas e enunciados múltiplos em ação nas cidades.

Estudos demonstram que a ampliação de experiências de circulação e apropriação da cidade por jovens, cujas vidas estão concentradas nos bairros periféricos onde residem, colabora para a diversificação e ampliação de seus campos relacionais e repertórios culturais, aumenta as expectativas individuais e sociais de vida, os afasta do confinamento social e intelectual a que muitas vezes estão subordinados e os aproxima do mundo produtivo, não só consumidor.

Além disso, ao entrarem em contato com a multiplicidade cultural em ação nas cidades e com diferentes modos de vida juvenil, os jovens ampliam suas capacidades de pensar e agir sobre e no mundo.

Por outro lado, as imersões nos territórios tecnológicos sustentam novos desempenhos individuais e responsabilidades sociais dos jovens, em especial no mundo do trabalho e nos locais onde eles mantêm vínculos.

Ação pública em rede

A elaboração de produtos e projetos de intervenção na cidade potencializa as subjetividades juvenis, pois os jovens aprendem a atuar com autonomia e a construir um projeto para compor perspectivas individuais e sociais. Por meio da produção, os jovens adquirem maior confiança sobre si mesmos e exercitam a partilha social.

A qualificação das relações juventude e cidade, juventude e tecnologia, juventude e cultura contribui para a diminuição das situações de vulnerabilidade juvenil no campo escolar, profissional, público, relacional e cultural.

Os diferenciais do Programa Jovens Urbanos concentram-se em sua lógica programática e arquitetura de ação em rede. Seu arranjo institucional compõe-se de parcerias com órgãos públicos, empresas públicas, privadas e de economia mista, organizações da sociedade civil, instituições representantes do campo das artes, do mundo do trabalho e da produção de tecnologias.

As relações institucionais mobilizadas pelo Programa sustentam-se numa perspectiva de ação pública em rede e na necessidade de legitimidade de suporte institucional e político às ações de intervenção perante o público juvenil.

Nesse contexto, é diferencial o investimento constante para formação de arranjos institucionais e redes sociais²

A qualificação das relações juventude e cidade, juventude e tecnologia, juventude e cultura contribui para a diminuição das situações de vulnerabilidade juvenil no campo escolar, profissional, público, relacional e cultural.

comprometidas socialmente com a juventude, além de um exercício rigoroso para elaboração de uma proposta formativa que considere as juventudes em seu presente.

Essa perspectiva dispara a função política das “juventudes”, requisitando dos jovens suas capacidades de contribuição e avaliação ante o que vivem e naquilo em que se engajam.

O Programa Jovens Urbanos pretende, também, funcionar como um vetor social que acione a expansão do repertório sociocultural e a ampliação da circulação e das relações dos jovens com e na cidade, garantindo acesso às culturas urbanas e bens tecnológicos, de modo a movimentar e abrir canais para processos de produção e atuação das juventudes na cidade.

Escolhas

Nas cidades se fazem perguntas que nunca foram feitas, surgem problemas que em outras condições as pessoas nunca tiveram oportunidade de resolver. Encarar problemas e questionar trazem desafios e ampliam a inventividade humana a um nível sem precedentes.

Bauman

Encarar a cidade significa, na pauta do Programa Jovens Urbanos, reconduzir aos jovens o direito à circulação na cidade, garantir acesso qualificado, em tempo real, aos equipamentos materiais e imateriais em ação no fluxo urbano, intensificar a sensibilidade pelo diferente e pelos problemas relevantes de nosso tempo, porque é nas cidades de hoje que os problemas mais cruciais de nosso tempo se cruzam e se manifestam.

Cabe ainda destacar que as significativas mudanças ocorridas no ambiente produtivo urbano, em especial das forças produtivas, em função das invenções técnicas e da globalização dos mercados, põem em funcionamento alterações radicais nos sistemas de empregos contemporâneos. Além disso, projetam socialmente uma série de exigências formativas de difícil tangenciamento e regulação institucional, pois o capitalismo recente tem no princípio de **fluxos** a condição de seu próprio exercício.

Assim, sistemas de trabalho, de emprego e de formação profissional passam

a carecer de rumo predeterminável, adquirindo um sentido algo caótico, com intensas transições entre situações ocupacionais, já que as trajetórias profissionais não são mais previsíveis a partir de mecanismos de regulação socialmente institucionalizados (Guimarães, 2006, p. 175-6).

Uma formação de jovens não pode nem dar as costas a essa nova configuração do capitalismo contemporâneo nem assimilar tal mudança com um otimismo formativo que se limitaria a celebrar as virtudes das técnicas produtivas e a conjugá-las em uma didática profissional.

Uma formação nesses moldes residiria ainda num otimismo formativo não-crítico, pois não haveria garantias contínuas de inserção nos sistemas de empregos nesse tipo de interação formativa com uma maquinaria técnica em contínuo fluxo.

Tampouco haveria como endossar garantias sociais apressadas, tão facilmente associadas a programas formativos profissionalizantes, como a garantia de maior justiça social ou de redução de desigualdades. Pelo menos não por um tipo de argumento linear, imediato, sustentado num raciocínio de causa e efeito para um campo social marcado pela impossibilidade de uma tradução didática fixa.

Uma formação das juventudes desse tempo deverá instalar-se nos próprios jogos de fluxos contemporâneos, ali onde eles acontecem, no solo das cidades, nos espaços construídos, nas indústrias, nas ruas, nos comércios, nos espaços de artes.

Recentrar a formação profissional das juventudes na cidade significa uma abertura direta para o desenvolvimento das práticas sociais de trabalho e a promoção de **encontros ativos** com as populações e produções desse campo social (empresários, trabalhadores de todos os tipos, maquinários, técnicas, tecnologias etc.).

Uma formação nesses moldes convoca a mobilização do contexto social ligado aos fluxos do trabalho, envolvendo os contextos na criação de condições favoráveis para transformações reais nos repertórios de referência das juventudes (o que não impede que condições particulares de formação profissional sejam obtidas por outras vias).

Uma formação nesses moldes invoca também uma ética social, pois que força deslocamentos em estruturas institucionais que segregam no geral o estranho, o desconhecido, o estrangeiro, aquele que sai de casa para entrar na aventura própria das cidades.

NOTAS

- 1 A edição experimental do Programa Jovens Urbanos foi implementada em 2004/2005 na cidade de São Paulo, nos distritos de Brasilândia (Zona Norte) e Campo Limpo (Zona Sul). Em 2006/2007 foi desenvolvido na cidade do Rio de Janeiro nos distritos de Santa Cruz: Paciência e Antares (Zona Oeste) e nos distritos de Manguinhos e Jacarezinho (Zona Norte). Em São Paulo encontra-se no 4º mês de implementação da 3ª edição 2007/2008, nos distritos de Lajeado (Zona Leste) e Grajaú (Zona Sul).
- 2 O que os recentes analistas de redes apontam é para a necessidade de uma mudança no modo como se compreende o conceito de comunidade: novas formas de comunidade surgiram, o que tornou mais complexa nossa relação com as antigas formas. De fato, se focarmos diretamente os laços sociais e sistemas informais de troca de recursos, ao invés de focarmos as pessoas vivendo em vizinhanças e pequenas cidades, teremos uma imagem das relações interpessoais bem diferente daquela com a qual nos habituamos. Isso nos remete a uma transmutação do conceito de “comunidade” em “rede social”. Se solidariedade, vizinhança e parentesco eram aspectos predominantes quando se procurava definir uma comunidade, hoje eles são apenas alguns dentre os muitos padrões possíveis das redes sociais. Atualmente, o que os analistas estruturais procuram avaliar são as formas nas quais padrões estruturais alternativos afetam o fluxo de recursos entre os membros de uma rede social. Estamos diante de novas formas de associação, imersos numa complexidade chamada rede social, com muitas dimensões, e que mobiliza o fluxo de recursos entre inúmeros indivíduos distribuídos segundo padrões variáveis. (COSTA, Rogério). Por um novo o conceito de comunidade: redes sociais, comunidades pessoais, inteligência coletiva. Interface – Comunic., Saúde, Educ., v.9, n.17, p.235-48, mar/ago 2005.

REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Zygmunt. (2004) Amor líquido: sobre a fragilidade das relações humanas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- GUIMARÃES, Nadya Araújo. (2006). Trajetórias inseguras, autonomização incerta: os jovens e o trabalho em mercados sob intensas transições ocupacionais in: CAMARANO, Ana Amélia. (org). Transição para a vida adulta ou vida adulta em transição? Rio de Janeiro: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – IPEA, 2006. p. 171-198. (url: <http://www.ipea.gov.br>).

geografia

